

O poeta, o ditador e os passarinhos

Autor desconhecido

Adaptação de Pedro Bandeira

- Bufão – Boa noite, meus amigos. Prestem muita atenção e preparem seu coração pra história que eu vou contar. Nesta história, amiguinhos, há um ditador de amargar, um bom povo e muitos passarinhos. Aconteceu aqui perto, no Reino da Bobolônia, que fica bem ali, bem na esquina, encostado à Beladônia. O povo da Bobolônia, que era livre e feliz, um dia se entristeceu, isso toda gente diz e eu posso garantir. Foi que um dia apareceu por lá um ditador malvado e começou a mandar no Reino da Bobolônia. Nesta história vamos ver quantas maldades ele fez. E também, meus amiguinhos, o que pra ele aconteceu. Vamos lá. Era uma vez, no Reino da Bobolônia, o poeta, o ditador e os passarinhos...
- Ditador – A situação anda séria. O país está pobre, o povo se queixa...
- Bufão – E se queixa com razão, grande ditador fanfarrão!
- Poeta – Pobre povo! Secas, inundações, colheitas que na se vendem, impostos... O senhor é duro com ele, senhor ditador!
- Ditador – Você é que não compreende esse povinho. Ele precisa de mão forte, de ordem! Esse povinho é muito alegre, muito amante da vida fácil, da vida...
- Poeta (interrompe) – Da vida sim, senhor ditador! Nosso povo é assim. Ama a vida e tudo o que é belo. Ama a música, a arte, as flores, a natureza...



- Ditador – Mas odeia o trabalho!
- Poeta – Ama o trabalho! Olhe para os campos, com as ondulações douradas do trigo, o murmúrio do vento nos pomares, o Sol iluminando os frutos das árvores. Olhe as casinhas penduradas nas ladeiras da montanha...
- Ditador – Bah, bah! Mas se nega a pagar os impostos aumentados, se nega a dar vivas ao meu nome!
- Poeta – Amam o canto e a flor. A flor, que dará o fruto. O canto, que é a voz dos passarinhos...
- Ditador (interrompe) – Dos passarinhos, você disse?
- Poeta – Sim, o canto dos passarinhos...
- Ditador – Os passarinhos! Ah, são nossos inimigos. Destroem as sementeiras!
- Poeta – Mas nos presenteiam com seu canto!
- Ditador – Seu canto? Bah! Os pardais comem as verduras na horta, bicam as frutas e enchem de palha e sujeirinhas os muros do castelo!
- Poeta – Alegam nossos olhos com a festa das suas cores...
- Ditador – Cores? Bah! Só servem pra atrapalhar!
- Poeta – Saúdam o Sol todos os dias!
- Ditador – Roubam o meu sono, você quer dizer!

- Bufão – Esse é um grande malandrão, o senhor ditador fanfarrão!
- Poeta – O senhor nunca compreenderá os passarinhos...
- Ditador – Nem me fazem falta. Vou fazer todos desaparecerem!
- Poeta – O povo não deixará!
- Ditador – Pagarei um bom preço por dúzias de pássaros mortos. Por esse preço, todos serão mortos! Daí, teremos grandes colheitas, sem ladrões de grãos. As maçãs amadurecerão sem receberem bicadas. Que grande obra será essa!
- Poeta – Deixe ao menos viver esse casal de pardais que construiu seu ninho no patamar da minha janela...
- Ditador – Não! Morrerão todos!
- Poeta – Malvado! Quem me anunciará a alvorada? Quem acalmará minha tristeza?
- Ditador – Bah! Besteiras! Com os pássaros mortos, salvaremos as colheitas!
- Poeta – Pois seja, se assim quer a sua maldade. Que o pássaro cale a sua canção. Que fuja assustado para outras terras. Sua vontade trará a ruína, mas que seja. Coitados de nós!
- Ditador – Farei ler em todo o país este decreto: "Eu, o ditador, declaro guerra aos pássaros. Pagarei uma moeda por dúzias de pássaros mortos que me forem entregues no palácio!"
- Bufão – E, quando juntar uns oitenta, ele come com polenta!



Saem o poeta e o ditador. O Bufão fala para a plateia.

Bufão – E assim a coisa se deu. Com a guerra aos passarinhos, muito pássaro morreu, esvaziaram-se os ninhos e muita polenta se comeu. O ditador se alegrava, enquanto o povo entristecia. Uma tristeza que aumentava, cada vez que amanhecia. Assim a coisa se deu. Mas o tempo passava e vejam o que aconteceu.

Entram o poeta e o ditador.

Ditador – Uma coisa fantástica, meu caro poeta! Em um mês já paguei um milhão de moedas comprando pássaros mortos!

Bufão – Exatamente como eu dizia: “polenta e passarinhos, prato do dia”!

Ditador – Não ficou um pássaro vivo em toda Bobolônia! Nem um pássaro irritante e comilão. Faz um mês que não desaparece um grão de trigo, que não é bica-da uma fruta e que eu não sou obrigado a acordar com o canto estridente dos passarinhos. Agora sim, a Bobolônia será um reino mais forte e mais feliz!

Poeta – Feliz? Feliz, sem o trinado dos pássaros? Não se iluda. Agora este é um país sem alma, sem música, sem arrulho de pomba, sem canto de rouxinol. O céu está mais triste, sem revoadas de pardais. E até a minha janela perdeu o encanto sem o pio meigo daqueles pobrezinhos que ela abrigava...

Entra o ministro.

Ditador – Como vão as colheitas, senhor ministro?

Ministro – Muito mal, senhor. Uma doença estranha atacou o trigo e todos os cereais. Os campos estão cheios de insetos daninhos que devoram tudo e já não se pode viver com tantas moscas e mosquitos. Os camponeses estão desesperados. Vários tipos de bichinhos devoraram quase todas as frutas das árvores...

Ditador – É preciso salvar o país, buscar um remédio para lutar contra tantos insetos nocivos! Talvez com a fumaça, ou com as cinzas...

Ministro – Já tentamos tudo. Nada deu certo. A terra parece cheia de vermes, de pequenos bichinhos. Não se consegue mais morar dentro das casas. Os campos secam como se uma maldição pesasse sobre eles...

Ditador – E os sábios? O que dizem sobre isso?

Ministro – Não encontram solução. Dizem que o único jeito é pedir o conselho do grande sábio do reino da Beladônia.

Ditador – Pois chamem o tal sábio! Urgente!

Saem o poeta, o ministro e o ditador.

Bufão – Pelo jeito que estou vendo, a situação só piora. Esse ditador tremendo vai entrar bem é agora. Vamos ver o que acontece até o fim desta história!

Entram o ditador e o poeta.

Ditador – Foi encontrado um remédio para o mal? Desapareceram os insetos? E as pragas?

Poeta – O mais sábio dos sábios, o sábio do Reino da Beladônia, está estu-

dando o problema agora. Em seguida, virá nos trazer a resposta.

Entra o sábio.

Ditador – Já encontrou, senhor sábio, o remédio para curar os campos deste país?

Sábio – Sim, senhor. Mas sairá caro, e levará muitos anos. Os insetos daninhos que tanto incomodam têm um inimigo que não os deixa multiplicar-se muito. Um inimigo que não descansa, devorando diariamente centenas de bichinhos.

Ditador – Quem é esse ser tão útil e trabalhador?

Sábio – É um ser pequenino como as mãos de uma criança. Um ser que alegra a nossa vida com a sinfonia de seu canto e a festa de suas cores. Esse ser é...

Poeta – Deixe que eu diga: é o pássaro! O humilde pássaro que, sendo tão pequeno, torna possível a vida nos campos. O bom pássaro, poeta como eu, louco e útil. O pobre passarinho...

Bufão (interrompe) – ... que o ditador quis matar, seguindo o seu mau caminho. Por isso digo, sem ser sábio, esse (aponta para o Ditador) é o inseto mais daninho!

Sábio – Quem é esse, que fala em verso?

Bufão – Não, senhor sábio, é que assim converso!

Poeta – Este é outro tipo de poeta. Este é um homem livre, um cidadão do povo. Mas, senhor sábio, o que devemos fazer?

Sábio – Ora, trazer pássaros! Encher o campo de pássaros. Sairá caro, mas é a única

solução. O meu país poderá vender-lhes passarinhos a duas moedas a dúzia. Mas não poderemos vender muitos, pois nós amamos e respeitamos os pássaros, que representam a saúde dos campos e a alegria dos corações!

Bufão – Pagamos para matá-los e, para trazê-los! (para a plateia) Que lindo negócio! Vocês não vão procurar um ditador para sócio!

Poeta – Aqui na Bobolônia também amávamos a liberdade e os pássaros, mas este (aponta o Ditador), com sua maldade, roubou-nos a liberdade e nos fez matar os pássaros. Homem sábio, em nome do nosso povo, eu lhe peço: envie-nos muitos passarinhos do seu país!

Sábio – Sim, meu amigo. Irei ao meu país e mandarei cantores rouxinóis e travessos pardais, coloridos beija-flores e sabiás brincalhões. Todos eles fazem falta para manter o equilíbrio da natureza!

Sai o sábio.

Poeta – E quanto a você, malvado ditador, que pôs a vida da nossa pátria em perigo, o povo o condena à prisão! O povo da Bobolônia está livre novamente e, ao amanhecer, escutará o doce canto dos passarinhos e castigará quem ousar matar algum deles!

O poeta pega o ditador pelo braço e saem os dois.

Bufão – É mau negócio ser mau. O povo ninguém engana. Cedo ou tarde, o final de um malvado é ir em cana! Boa noite, meus senhores. E... abaixo os ditadores!

